

The importance of the adherence to treatment in a time of crisis Importância da adesão ao tratamento em tempos de crise

“Ponto em que o comportamento de uma pessoa (que toma medicamentos, segue uma dieta recomendada ou muda de estilo de vida) coincide com conselhos médicos ou de saúde”

Foi com esta definição que Sackett e Haynes introduziram na literatura médica, em 1976, a expressão “*adesão ao tratamento*”. Posteriormente outras definições foram surgindo.

Em Ginecologia e Obstetrícia, tal como na medicina em geral, a adesão ao tratamento médico é fundamental para o sucesso do mesmo e a não adesão, ou a adesão “sub ótima” acarreta custos económicos que não devem ser esquecidos, principalmente numa altura em que o léxico médico está sobrepovoado por palavras como “crise financeira”, “sustentabilidade do SNS”, “cortes na saúde”, “racionalização de medicamentos”.

É urgente a implementação de técnicas/métodos que permitam monitorizar a adesão ao tratamento, o que levará, indubitavelmente a um maior número de consultas ou a consultas mais prolongadas. Tal poderá ser difícil face à pressão a que se assiste para um maior número de consultas num menor espaço de tempo.

Aquando da prescrição de qualquer medicamento pela primeira vez, é importante a comunicação médico-doente com linguagem ajustada ao nível de compreensão da mulher, explicar possíveis efeitos secundários que quando conhecidos previamente são de mais fácil aceitação, levando a menor procura de cuidados médicos e abandono terapêutico.

Todas as preocupações e dúvidas dos doentes sobre a medicação devem ser esclarecidas. A posologia deve

ser clara, o receituário permite que a doente guarde uma cópia onde esta deverá estar explícita. No final da prescrição deve ser sempre perguntado “tem alguma dúvida?”.

É importante que a doente entenda a razão da nossa escolha, que sempre que possível deverá ser uma decisão partilhada, informando os prós e os contras de continuar a terapêutica ou iniciar uma nova intervenção.

Na era de novos medicamentos, a maioria não compartilhados, e na eventualidade de necessidade de tratamento de longa duração é fundamental avaliar a capacidade económica da mulher (quando a profissão mais frequentemente declarada atualmente em consulta hospitalar é desempregada!) para adquirir a medicação.

À medida que medicações mais eficazes mas também mais dispendiosas são disponibilizadas, aumentam as vantagens clínicas e económicas de estratégias que garantam que estas sejam usadas conforme prescrito.

Apesar da despesa nacional com medicamentos ter diminuído a importância da adesão à terapêutica não deve ser subestimada uma vez que conseguir que as doentes adiram ao tratamento poderá acarretar poupanças significativas em termos económicos com ganhos significativos para a doente.

A não adesão terapêutica minimiza a probabilidade de melhoria da saúde resultante do tratamento, muitas vezes referido como “insucesso terapêutico” e acarreta custos para o serviço de saúde, associando-se a desperdício de medicamentos não utilizados, até com impacto ambiental. Para além da melhoria da saúde da nossa doente, os fatores económicos deveriam convencer, até os médicos mais céticos, de que esta é uma área em que vale a pena apostar.

Ana Rosa Costa